



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Vaz, Tamiris

Reinventando lugares, pessoas e a educação a partir da arte em espaços cotidianos

Revista Digital do LAV, vol. 4, núm. 7, septiembre, 2011, pp. 1-13

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337027039005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Reinventando lugares, pessoas e a educação a partir da arte em espaços cotidianos

Tamiris Vaz¹

Resumo

Neste artigo são apresentadas ideias que, a partir de entrevistas realizadas em 2010 com dois professores graduados em artes visuais, um artista e uma estudante do ensino médio, discutem a educação em artes através de diálogos sobre a realização de experiências artísticas em espaços cotidianos, considerando como essas experiências podem estar presentes nos processos de aprendizagem. Os diálogos abordam o envolvimento dos educandos em experiências de ver e de fazer arte e a busca de possibilidades de reinvenção das relações entre pessoas e lugares, pensando a educação para além da arte e dos espaços escolares. A partir das entrevistas, foi possível perceber uma preocupação dos colaboradores em encontrar vieses para uma educação que não se distancie do cotidiano dos estudantes, fazendo da experiência artística um desafio para o conhecimento de si e dos outros em suas relações com o lugar vivido.

Palavras-chave: artes visuais, espaço cotidiano, educação.

Abstract

Starting from interviews which were done in 2010 with two visual arts teachers, one artist and one high school student, this article presents ideas which discuss education through dialogs about the realization of artistic experiences in quotidian spaces, considering how these experiences may be present at learning processes. The dialogs approach involving students in experiences of seeing and making art, and looking for possibilities of reinvention of the relations between people and places, thinking education as beyond art and school spaces. By the interviews it was possible to perceive the collaborator's preoccupation on finding ways for an education without distance from the students' daily life, making the artistic experience as a challenge for knowledge of the self and the others in their relations with the lived place.

Keywords: visual arts, quotidian space, education.

¹ Mestranda em Educação, linha de pesquisa Educação e Artes (PPGE/UFSM); Graduada em Artes Visuais – licenciatura (UFSM); membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC); integrante do Coletivo de Ações Artísticas (Des)Esperar

Introdução

É constante e ininterrupta a apropriação do homem sobre os lugares, os quais ganham sentido à medida que passam a fazer parte do cotidiano. Uma praça, um banco, uma sacada, um prédio, uma árvore são elementos banais que viram histórias marcadas por múltiplos sentimentos e significações decorrentes de momentos vividos; o lugar comum se transforma em algo individual em cada narrativa pessoal. Assim, vê-se no cotidiano urbano uma realidade em constante mudança no processo de construção da história da humanidade, surgindo como consequência da mesma.

A ocupação dos espaços da cidade por artistas através de poéticas urbanas pode ser vista como facilitadora da aproximação da obra com um público que não está ali no intuito de encontrar uma fruição artística, um público que se depara com uma suspensão dentro da própria rotina, encontrando possibilidades de percepções de si nesses espaços, convertendo locais de trânsito em lugares de experiências.

Pensando no quanto tais experiências promovem um deslocamento direto no cotidiano das pessoas, provocando reações perceptivas independentes do conhecimento, interesse ou aceitação, o que esta pesquisa propõe são diálogos sobre a educação em artes visuais partindo do ponto de vista de diferentes indivíduos que vivenciaram a docência, a discência ou a produção artística em espaços públicos. Tais entrevistas foram executadas no ano de 2010 com um artista, dois professores licenciados em artes visuais e uma educanda do ensino básico, com os quais busquei enfatizar discussões sobre suas experiências no ensino, na aprendizagem e na produção artística através de questionamentos sobre a relevância da inserção de temáticas da arte urbana nas aulas de artes.

As discussões aqui apresentadas fazem parte da pesquisa denominada "Espaço Cotidiano e Educação: a arte pública na reinvenção de lugares e pessoas"², desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais, pela UFSM. Para as entrevistas foram elaboradas questões análogas, porém diferenciadas em alguns aspectos, a fim de considerar as particularidades de cada entrevistado em relação ao tema tratado.

Neste texto aponto algumas questões sobre as possibilidades do uso da cidade como espaço de experimentações artísticas para, em seguida, partir para a reflexão sobre o atual estado da educação em artes visuais e os posicionamentos dos entrevistados acerca desses assuntos.

² Sobre esta monografia foram também escritos os textos "Outros Espaços: arte pública como proposta educacional", publicado nos anais do 22º Seminário Nacional de Educação da Fundarte, em Montenegro e "Arte Pública: a educação, o cotidiano, a reinvenção", que será publicado na Revista Visualidades, v.8, nº2, a ser lançada no primeiro semestre de 2011 em Goiânia.

A cidade enquanto espaço de experimentação

Fixar o olhar e a atenção em uma mensagem somente visual, em um objeto que não se exprime por palavras escritas ou faladas e que, portanto, está sujeito a infinitas interpretações, diz respeito a um diálogo não somente de um artista com um público, mas a uma proximidade do ser humano com o próprio meio com o qual se relaciona. A arte, quando inserida em uma paisagem urbana, acarreta no direcionamento de olhares para determinados pontos de um local, sugerindo interpretações superficiais ou aprofundadas, ou mesmo desvios inesperados, dependendo da disposição e bagagem interpretativa do observador.

Desse modo, são exigidos posicionamentos e deslocamentos diferentes daqueles de quando se observa uma obra dentro de um museu. Não podemos desvincular um trabalho artístico no espaço urbano do contexto onde o mesmo se encontra, o que também, torna incompleta uma observação feita de um único ponto de vista.

Observar uma obra no espaço urbano do mesmo modo que se observa uma pintura nas paredes brancas de um museu acarretaria em uma percepção muito superficial e reduzida do seu todo. É preciso deslocar-se, perceber outros ângulos de visão a partir daquilo que se conhece e da experiência vivida naquele instante. A arte no espaço urbano produz experiências no presente, independentemente de seu tema, pois acompanha os ritmos e metamorfoses da cidade.

Penso nesse tipo de experiência artística relacionando-a com o que Sartre, no romance "A Náusea", chamaria de 'aventura'. Nesta narrativa, o personagem principal, Antoine Rouquentin, vive uma angústia, narrada em primeira pessoa, sobre o significado de se viver uma verdadeira 'aventura', refletindo:

Não tive aventuras. Aconteceram-me histórias, fatos, incidentes, tudo o que quiser. Mas não aventuras [...]
Sim, é isso que eu queria – ai de mim! É isso que quero ainda. Sinto tanta felicidade quando uma negra canta: que pináculos não atingiria, se minha *própria* vida constituísse a matéria da melodia! (SARTRE, 1994, p.63-64)

Para ele, uma aventura acontece quando se tem consciência do momento ao mesmo tempo em que se o vive, pois, quando apenas se vive, nada acontece, não há começo, os dias apenas vão sucedendo um ao outro, sem solução, monotonamente, somando-se sem rima alguma. Assim, penso a aventura de Sartre como a percepção do momento vivido, de sentir a paisagem, e também a arte que se mistura a ela, não como elementos alheios ao observador, mas como parte integrante do próprio constituir-se, já que cada pessoa constroi a paisagem na medida em que a percebe de modos particulares.

Um fato que não pode ser esquecido é que toda essa paisagem, principalmente no cenário urbano, vem cada vez mais saturada por informações alheias ao nosso

consentimento ou interesse inicial e, muitas dessas imagens, são postas no intuito de chamar nossa atenção, não para elas, mas para algo ao que remetem, como no caso das imagens publicitárias. Hernández (2009) explica que a preocupação com o saber interpretar imagens emergiu em meados dos anos 1950, juntamente com o início da popularização da televisão. Foi quando surgiu o termo 'alfabetização visual' no intuito de abarcar a necessidade de educar o público contra a massificação que se acreditava estar sendo empreendida por esse novo meio de difusão comunicacional. Essa perspectiva foi de extrema importância para a educação no sentido de permitir um estudo de imagens além das específicas do contexto artístico, inserindo no espaço da escola diálogos com os educandos sobre as imagens cotidianas. Todavia esse termo, surgido antes da explosão da internet, celulares e outros aparatos que aproximam cada vez mais os quatro cantos do mundo, é compreendido, de certo modo, como um decodificador de símbolos visuais, faltando-lhe flexibilidade para com as subjetividades presentes na interpretação de uma imagem, que não pode ser decodificada da mesma forma que se faz na apreensão da leitura escrita.

Diante disso o autor apresenta o conceito de "alfabetismo da cultura visual", que dentro de uma perspectiva sociocultural, pretende repensar os conceitos estabelecidos para leituras de imagens, refletindo sobre as "maneiras culturais de olhar" (2009), o que implicaria em interpretações subjetivas, críticas e contextuais dos discursos visuais. É dentro desta perspectiva que se busca, neste trabalho, as possíveis relações entre arte no espaço público e educação.

O espaço educacional

Na prática educacional, ainda é comum observar professores que utilizam as aulas de arte somente para produções práticas, do fazer sem a necessidade de refletir sobre a própria produção, apresentando aos estudantes o conceito da arte como embelezamento ou recreação, algo feito para distraí-los das constantes e obrigatórias aulas teóricas, ou, partindo para outro extremo, há os que preferem impor seriedade à disciplina, exigindo dos alunos conhecimento de história da arte, e, do mesmo modo que no exemplo anterior, impondo o não pensar, o aceitar e memorizar verdades ditas 'absolutas'.

Cronogramas pré-definidos, generalizados para atender à demanda de concursos públicos e vestibulares, carregam a ideia de que a educação precisa formar cidadãos competentes, disciplinados, trabalhadores e criativos, desde que conformados aos interesses sociais instituídos pelo poder. Como explica Hernández (2007), esse tipo de narrativa emana do Iluminismo onde "a educação escolar deveria ensinar os indivíduos a 'sujeitar-se' para que deixassem de ser súditos e se convertessem em cidadãos" (p.12). Narrativas que foram mudando de aparência com o passar do tempo, mas que

permanecem com um elo em comum, no qual a educação deve adaptar-se aos interesses econômicos, políticos e sociais vigentes em cada época, sendo hoje, a preparação para atender às demandas do mercado.

Na escola, todos devem fazer os mesmos exercícios, repetir a resposta única pensada pelos autores do livro-texto e de seu profeta, o professor. Todos olham para o mesmo horizonte: entrar no sistema produtivo ou chegar à universidade. E não se pensa que a educação para todos pode ter outra finalidade em um mundo incerto e de subjetividades mutáveis. Por isso é importante a pluralidade em contraposição à homogeneização. Aproveitar as diferenças em vez de considerá-las um problema. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 15)

Como podemos pensar estratégias educacionais que levem em consideração tais diferenças sem cair no lugar-comum publicitário, mas também não o ignorando? Como partir da banalidade do espaço público com o propósito de problematizar e não homogeneizar? Como diz Steinberg (2004, p.15) “padrões de consumo moldados pelo conjunto de propagandas das empresas capacitam as instituições comerciais como professoras do novo milênio”, ou seja, se o professor ignorar as imagens consumidas por seus educandos, estas continuarão a manipular e formar identidades. O professor de arte tem a possibilidade de atuar incentivando o educando a reconhecer o tipo de imagens que consome, não aceitando incondicionalmente padrões impostos, mas buscando compreender os porquês de sua forma e conteúdo.

Conhecer os espaços habitados e não apenas utilizá-los como tema, percebendo que esses espaços são construídos pelas próprias pessoas, as quais podem questioná-los e modificá-los, como o fazem vários artistas contemporâneos que optaram pela arte urbana como possibilidade de intervir fora das instituições, talvez, seja um dos lugares da educação, captando essas pequenas singularidades presentes na tautologia contemporânea a fim de encontrar nelas reconceituações para o lugar-comum.

É importante oferecer condições para que o educando não só aprenda a reconhecer e produzir imagens, mas aprenda a interpretar, contextualizar e agir. Desta forma, penso que podemos aproximar a educação das referências pelas quais os jovens constroem suas subjetividades, percebendo a relevância das mesmas para o desenvolvimento de cada um.

Partindo desses pressupostos, produzir no espaço público implica em inaugurar possibilidades de questionamentos acerca do mundo habitado, da abertura para novas visões por quem cria e também por quem presencia a criação.

Entre o ver e o fazer

Durante as entrevistas realizadas, propus uma discussão sobre a relevância de oportunizar aos estudantes o ver e o fazer arte na elaboração de projetos nos espaços urbanos.

O professor entrevistado formou-se no curso de licenciatura em artes visuais no ano de 2009, tendo tido como principal experiência pedagógica, três semestres de estágio supervisionado em escolas públicas de Santa Maria, nas quais abordou algumas questões da arte pública como complemento à temática de histórias em quadrinhos, principalmente em uma turma de 8ª série. Em nosso diálogo, inicia explicando que considera de extrema necessidade a viabilização de experiências do fazer com os educandos, acreditando ser necessário não somente o visualizar, mas também a reflexão, a partir de uma aplicação do fazer diretamente no cotidiano dos estudantes.

A educanda que colabora com essa pesquisa é estudante do primeiro ano do ensino médio e tivera experiências com intervenções urbanas durante as aulas de estágio supervisionado do professor entrevistado. Ela explica que com os professores de arte que tivera anteriormente, não costumava entregar os trabalhos solicitados porque não encontrava motivação para fazê-los, seu interesse surgiu quando conheceu o professor que valorizava as ideias dos educandos, que os ouvia e lhes dava tempo para desenvolvê-las e reestruturá-las. Diz que, nesse momento, percebeu que a arte não era algo tão difícil e inatingível para a realidade dela.

Pude perceber que os professores anteriores da adolescente proporcionavam pouca observação de obras artísticas e enfatizavam muito o trabalho com desenho, praticamente todas as semanas, apesar de nunca terem apresentado artistas que utilizassem essa linguagem em suas produções, o que fez com que ela descreditasse na possibilidade de um desenho produzido por si ou por um colega ser considerado arte, já que seu conceito de arte baseava-se nas poucas pinturas modernistas que lhes foram apresentadas em anos anteriores. Ela diz que não gostava de artes porque não sabia desenhar, tendo tido a oportunidade de conhecer outras linguagens somente com o professor estagiário, o qual dava à turma a possibilidade de escolha do material a ser trabalhado.

Efland (2005) alerta que

a arte-educação baseada sobre uma definição modernista da arte tende a aplicar padrões de bom gosto e critérios de excelência artística, porém tal arte torna-se isolada do resto da experiência, da mesma forma como, de muitas maneiras, os objetos, nos museus, estão isolados do resto da vida. (EFLAND *in* GINSBURG, 2005, p. 77)

Com isso podemos pensar no isolamento propiciado por uma concepção da arte na educação que prioriza certos padrões artísticos, provocando um distanciamento entre arte e cotidiano, entre artista e observador, como parece ter sido o caso dos professores da menina.

A professora entrevistada é formada em artes visuais e na ocasião da entrevista cursava mestrado em Educação, atuando há mais de dez anos na educação básica, sempre direcionando seu trabalho para a questão da arte pública através da pintura mural e do

grafite. Ela relata um fato ocorrido com um educando numa experiência fora da escola, onde, em uma situação alheia a uma proposta de aula, foi chamada sua atenção para um artista de rua. O estudante percebeu um rapaz de corpo pintado e começou a imitar sua performance de 'escultura viva'. A professora mostra o interesse manifestado pelo estudante na visualização de um trabalho produzido na rua e o quanto a experiência de ver um determinado tipo de produção pode gerar discussões e possíveis interesses pelo fazer, por parte dos educandos.

O professor, por sua vez, explica que as temáticas do cotidiano vão surgindo por iniciativa dos próprios educandos ao se depararem com uma maior abertura para o tema e para os materiais a serem utilizados em suas produções, acabam por direcionarem os trabalhos para seus interesses pessoais ou coletivos, como no exemplo que ele cita abaixo:

tinha uma intervenção que eles queriam transformar uma árvore em uma mulher. Eles iam fazer com E.V.A., com jornal, com sei lá o que, mas chegando o momento, só pegaram o papel pardo, enrolaram em volta, desenharam umas tetinhas, a virilha, assim, e pronto. E começaram a assinar. Aí, quando eles começaram a assinar, outros que estavam circulando ali começaram a assinar também e acabou virando uma outra coisa o trabalho. O uso dessa linguagem do adolescente de querer tá assinando, de querer tá marcando o seu nome num lugar... eles marcaram ali.



Figura.01
Intervenção "árvore-mulher (vandalismo ecológico)"
arquivo pessoal do entrevistado

O trabalho acabara recebendo o título de "Vandalismo Ecológico", onde as pessoas poderiam assinar seus nomes na árvore sem cortá-la ou pichá-la. A proposta se tornara diferente da pretensão inicial, não por ter sido mal planejada, mas porque a abertura

dada pelo professor possibilitara que os estudantes entendessem seu trabalho como um processo onde o resultado final não dependia apenas deles, mas das respostas dadas pelo público dentro de um espaço compartilhado por muitos. Como destaca Dias (2008):

Atualmente, as escolas de arte e cursos de licenciatura em arte/educação têm que enfrentar a necessidade social de desafiar as noções predominantemente formalistas dos seus currículos e começar a explorar intensamente as experiências do cotidiano, dos sujeitos, suas trocas materiais e sensoriais. (DIAS *in* MARTINS, 2008, p.41)

O quarto colaborador nestas entrevistas foi um artista que vem realizando, ao longo dos últimos dois anos, diversas intervenções artísticas em espaços de circulação de público em Santa Maria, tendo iniciado estes trabalhos ao ingressar no curso de licenciatura em Artes Visuais. Diz considerar importante que os educandos tenham a experiência da arte pública enquanto produção para perceberem as particularidades que o trabalho adquire quando inserido no espaço, as dificuldades que podem surgir para a execução de determinadas ideias que necessitam adaptações a diversos critérios, no momento em que são colocadas em prática. Usa como exemplo a produção feita pelos artistas em formação na universidade, onde é necessário envolver-se em um processo de perceber o espaço, de perceber o contexto que o envolve para, enfim, produzir um trabalho que dialogue com o mesmo. Ele fala na experiência do fazer pelos educandos como uma maneira de compreender melhor o processo realizado pelos artistas, de como o artista pensa e constrói a situação apropriada para seus trabalhos, um espaço onde o educando vivencia não só o resultado, mas também o processo que leva a tais soluções.

Desse modo, ele coloca o 'fazer' pelos educandos como um desafio para pensar a complexidade de produzir arte em espaços não convencionais onde circula um público heterogêneo, que pode estar ou não interessado no trabalho apresentado como produção artística. Nessas experimentações, os educandos observam o quão problemáticas podem se deflagrar as técnicas, quando determinados materiais são utilizados sem o pleno conhecimento das adequações às condições exigidas pelo trabalho que será executado, podendo sofrer ações imprevistas, de outras pessoas ou do próprio ambiente, que comprometem a proposta inicial, mas que, ao mesmo tempo, servem como um aprendizado envolvendo o constante repensar sobre a própria produção.

Ao produzir, o educando estará estudando e compreendendo não apenas os lugares dos artistas contemporâneos, mas seus próprios lugares como ser humano, terá a possibilidade de criar problematizações sobre si e sobre o cotidiano que reinventa por meio de suas ações.

Entre o familiarizar-se com o espaço e o reinventar-se

A escola, lugar onde os indivíduos passam grande parte da infância e adolescência, apesar de ser apresentada aos educandos como um espaço público, defende a busca pela ordem e obediência conseguidas através do 'confinamento' de estudantes em salas de aula onde são privilegiadas produções individuais, raramente compartilhadas entre si.

Durante a entrevista o professor fala que sua proposição inicial com os estudantes não era de ocupar os espaços fora da sala de aula, mas que temáticas cotidianas trabalhadas dentro da proposta de histórias em quadrinhos fizeram com que ele percebesse o quanto aquele 'confinamento' os incomodava. Assim, foi surgindo a ideia de expandir as aulas de artes para um maior envolvimento da turma com os espaços abertos da escola, aproveitando a disposição corporal que eles demonstravam ter para a realização de trabalhos não limitados às paredes da sala de aula. Inicialmente, foi proposto que realizassem ações no espaço da escola, partindo da escultura, depois, veio a fotonovela e o vídeo elaborados no cotidiano escolar. Como ele relata, *"Daí eu percebi a intimidade deles com o pátio, como poderia ser produtivo eles estarem no pátio da escola fazendo alguma coisa, e como poderia também ser perigoso de eles quererem fugir da proposta."* As fugas acabaram sendo inevitáveis, pois o interesse pela exploração dos espaços, antes proibidos durante o horário de aula, ia além da realização de tarefas em uma disciplina específica. Eram as primeiras experiências nas quais um professor dava-lhes a liberdade de planejar um trabalho a seu próprio modo e em um espaço apreciado por eles para o lazer, fato que causou estranhamentos e distrações iniciais que, aos poucos, puderam ser convertidas em temáticas a serem exploradas nas próprias aulas, passando de distrações a focos para o trabalho.

Ucker (2009), em uma pesquisa sobre desenhos de espaços escolares realizados por estudantes, destaca a importância de perceber os espaços de vivência dos educandos dentro da própria escola, de torná-los "lugares" através das vivências e das práticas culturais estabelecidas nos mesmos: "Como produto de um tempo social e histórico, o espaço escolar deve ser analisado e refletido como construção cultural que expressa e reflete discursos pessoais e sociais repletos de ideias, crenças e valores" (p.80). Ao fazer uso desses espaços, os educandos constroem histórias e memórias, as quais podem e devem ser consideradas pelo professor para a produção de significados que motivem o educando a querer aprender.

A professora entrevistada diz que optou por trabalhar nos espaços abertos da escola por uma expectativa surgida na atitude dos próprios estudantes. Comparando os diferentes tipos de experiências com os estudantes, ela acredita que no espaço público os estudantes expõem melhor suas ideias e demonstram uma expectativa muito maior por saberem que outras pessoas, além do professor, estarão percebendo aquilo que foi feito por eles.

Inicialmente, ela trabalhou com o espaço público em uma escola confessional através de uma temática religiosa delimitada pela instituição, sem qualquer abertura para a expressão das idéias dos educandos, importante na abordagem da arte urbana.

Mais tarde, mudando de escola, continuou a trabalhar com a proposta de arte mural, até entrar em contato com alguns grafiteiros da cidade: *"daí comecei a convidá-los a participar, daí eles iam lá conversar com o pessoal, com a turma que eu tava trabalhando, isso faz uns três anos."* Esse contato ampliou a percepção da professora para um tipo de produção mais próxima do interesse cotidiano dos educandos, de poder conhecer pessoalmente pessoas que falam de seu trabalho enquanto artistas que produzem no cotidiano e partindo de temas surgidos do mesmo. Segundo ela, os estudantes tinham muita curiosidade em conhecer o trabalho dos grafiteiros, ao mesmo tempo em que demonstravam alguns preconceitos, conceituando esse tipo de trabalho como marginal e transgressor, o que pudera ser desmistificado com a visita feita pelos artistas grafiteiros na escola.



Figura.02
Grafites realizados pelos estudantes e por um dos grafiteiros
Arquivo pessoal da entrevistada

O professor relata sua preocupação em associar as produções artísticas dos educandos ao cotidiano próprio de cada um. Nas histórias em quadrinhos ele sempre buscava incentivá-los a usar fragmentos de seu cotidiano: alguma história vivida, algum protesto, algo que eles sentissem vontade de expressar.

Ele explica que alguns trabalhos ficavam apenas como ideia, mas que mesmo estes serviram, ao longo das aulas, como experimentos e temas para debates. Diz que um dos desafios ao trabalhar com arte pública na escola foi a falta de preparação dos educandos para estarem produzindo em um lugar com tantas potencialidades para diversão, o que também foi um incentivo para que eles, quanto melhor compreendessem as

possibilidades desse tipo de proposta, produzissem com mais vontade, intervindo, não só no próprio cotidiano, mas no cotidiano das pessoas que também conviviam nesse espaço:

não só os educandos, mas todo mundo que trabalhava na escola foi abordado por essa arte pública que a turma realizou. Todo mundo, cedo ou tarde, passava por algum dos trabalhos, fosse as palavras de giz no chão falando sobre violência no trânsito, fosse a plaquinha do vende-se água limpa do lado do bueiro, ou as próprias entrevistas. [...] E isso é interessante, tem várias reações, tem aquele que participa com 'esportiva', tem o que foge com medo.



Figura.03
Intervenção “vende-se água limpa” ao lado do bueiro da escola
Arquivo pessoal do entrevistado

A educanda entrevistada explica que além das cooperações dentro dos próprios grupos de trabalho, houve envolvimento nos trabalhos dos demais e ainda a participação de outras pessoas da escola que acompanhavam as produções realizadas nos espaços abertos:

A gente envolveu outros alunos também, mostrou interesse deles não de aparecer, mas de nos ajudar, sabe? Porque podia falar não, não, não quero aparecer, aí ir lá e estragar. Mas não, acho que esse trabalho mostrou mais interesse em fazer educação artística.

Esses trabalhos foram expostos, pelos próprios estudantes, em outro espaço público, o espaço da internet, onde qualquer pessoa interessada poderia conhecê-los. Como relata a estudante, não ficou só dentro da turma onde quase ninguém percebe, foi para um espaço onde o trabalho era valorizado, onde todo mundo perguntava quem tinha feito e elogiava o empenho dos grupos.

Produzir em espaços públicos motivou os educandos de ambos professores entrevistados, no instante em que perceberam seus trabalhos ganhando sentidos além da importância numérica comumente atribuída pela nota do professor, e por ampliar essas pesquisas nas interações com um público ampliado, que também acompanha e se envolve nas produções, pelo reconhecimento de si através da ação coletiva, de forma a gerar reflexões sobre a ocupação e significação dos espaços cotidianos.

Considerações

A experimentação artística, não limitada à somente visualizar obras feitas por outros, fora demonstrada pelos entrevistados com de grande importância não só para aqueles que buscam descobrir-se enquanto artistas, mas para a própria formação do estudante enquanto sujeito capaz, tanto de construir, quanto de transformar o cotidiano de sua cidade. A arte reinventa o espaço urbano porque ela própria é constituída deste cotidiano onde é produzida, podendo assim, direcionar olhares e pensamentos não simplesmente para a obra, mas para os sujeitos que se reconhecem a partir da obra proposta.

Fazer do espaço cotidiano matéria e local para produções, proporciona ao educando experiências que exigem dele uma familiaridade com o espaço e com os interesses do público para o qual produz. Neste contexto, ele deixa de conhecer somente obras de arte, e passa a conhecer a si e ao seu próprio espaço.

Estas ideias apresentadas propõem que possamos pensar a educação em artes visuais para além da assimilação de conceitos pré-concebidos, bem como, questionar as realidades impostas institucionalmente, enfrentando o desafio da formulação de problemas, da invenção de outras formas de nos relacionarmos com o mundo, interrogando as realidades criadas, inventando outras, expandindo limites e reconceituando o cotidiano, o que pode gerar imensuráveis possibilidades de conhecimento.

Referências

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. *in* MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008. P.37 a 53.

EFLAND, Arthur. *In* GINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae. (Orgs.). **O Pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

_____. Da Alfabetização Visual ao Alfabetismo da Cultura Visual. *In* MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação da Cultura Visual** - narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.189 a 212.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1994.
STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

UCKER, Lílian. Entre o real e o imaginado: desenhos de espaços escolares. *In* MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual**: Narrativas de Ensino e Pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.79 a 99.